

A representação do mar nos postais ilustrados patentes no Arquivo Histórico do Porto

Vera Patrícia Moreira Teixeira*

Introdução

A identificação e análise dos postais patentes no Arquivo Histórico do Porto permitiu verificar a vasta abordagem de vários temas, como também nos deu a oportunidade de ter uma amostragem válida para o tema a analisar. Do universo total dos postais patentes, em 117 encontramos alguma referência ao mar, com maior ou menor preponderância na representação. Depois da pesquisa efectuada, apenas 83 nos foram disponibilizados para apresentação, devido às leis de direito de autor.

Na sua maioria, os postais ilustrados dizem respeito à zona da foz do Douro no Porto, desde o Passeio Alegre, passando pelo farol e até às praias que circundam a cidade, sendo este o motivo que nos leva a incidir a nossa análise nesta área geográfica, embora encontremos algumas representações da zona marítima de Matosinhos, Leça da Palmeira e Leixões.

Para contextualizar o nosso trabalho, iremos abordar a importância do mar no desenvolvimento da cidade do Porto, sobretudo a área circundante à zona da Foz, tal como os postais e o interesse que estes proporcionam na representação e análise das paisagens.

Neste sentido, propomo-nos a apresentar o número de postais ilustrados acima referido, visto que reconhecemos ser uma amostra que caracteriza o restante conjunto de postais, e analisá-los segundo um dos vectores deste Encontro: o mar e as suas representações.

Para esta análise, resolvemos dividir em dois grupos de representação: a representação do mar a partir da praia, sendo como o nome indica a perspectiva a partir praia ou linha de mar, que cria uma maior proximidade ao mar; e a representação do mar a partir da terra, neste caso a vista de mar torna-se mais distante, fundido-se com perspectivas mais secundárias, contudo com a mesma importância.

A importância do mar

O grande impulsionador para o desenvolvimento da zona mais a sul e oeste da cidade do Porto e a abertura desta zona para o centro da cidade, foi o melhoramento dos acessos viários e meios de transporte. Se o burro ou o barco eram transportes privilegiados nos séculos XVII e XVIII, a partir de meados do século XIX, o comboio aparece como estimulador para o dinamismo desta área geográfica, nomeadamente, durante os meses de verão. Se até esta altura, a zona da Foz era essencialmente uma

* Mestre em História da Arte Portuguesa; Doutoranda em História da Arte Portuguesa (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

vila piscatória, cujos frequentadores eram os pescadores e as suas famílias, que ocupavam este lugar para a prática da sua actividade profissional mas também como morada, a partir do século XIX, esta faixa do litoral vai-se sendo lentamente ocupada por banhistas¹.

Estes banhistas inseriam-se num alargado grupo sócio-económico, que incluíam famílias abastadas do Porto, famílias da comunidade britânica a viver no Porto e funcionários públicos, mas também lavradores, caseiros e pobres oriundos das povoações mais a norte e interior do Porto².

Esta procura pelo litoral, para além do impulso dado pelos transportes tinham também como motivo a propriedades terapêuticas associadas “ [...] às curas de água e de ares que então eram frequentemente prescritas medicinalmente. Ora a Foz era afamada pelos seus bons ares e, sendo a água do mar fortemente iodada, estava altamente conceituada”³. Este conceito expande-se para norte, tornando também Matosinhos e Leça como locais a frequentar, pelas mesmas propriedades.

Esta alteração na vida da orla marítima trará igualmente mudanças ao nível arquitectónico e urbanístico, e não só, já que “as diferentes formas de utilização da zona costeira – haliêuticas, portuárias, industriais, terapêuticas, turísticas – deixaram numerosos traços na paisagem e na cultura das populações, que são testemunho das interacções profundas entre o homem e meio, relatando o modo como cada sociedade vive e se define em função de um espaço e de como este se adapta às transformações a que é submetido”⁴. Para além das construções de moradias, pertencentes aos novos banhistas, no final do século XIX vários equipamentos acompanhavam a evolução da Foz: “ [...] sete hotéis, dois restaurantes, cinco cafés, três teatros e trinta e cinco banheiros”⁵.

As construções, não se esgotam porém, nas que relacionam com a prática de turismo balnear. A defesa da costa e actividade da barra do Douro constituem elementos fundamentais para a compreensão e para uma melhor leitura da face urbanística da linha do litoral, até porque, a cidade do Porto foi uma das cidades europeias que teve as suas primeiras representações numa carta de navegação, que representava a costa do norte do País e consequentemente as zonas de mar e a parte final do Rio Douro.

¹ FERNANDES, José Alberto V. Rio – *A Foz: contributo para o estudo do espaço urbano do Porto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1985, pp. 18-20; FERNANDES, José Alberto V. Rio – *A Foz: entre o rio, o mar e a cidade*: Progresso da Foz, 1989, pp. 26-29.

² MARTINS, Luís Paula Saldanha – Banhistas de mar no século XIX: um olhar sobre uma época. In *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*. I série, volume V, Porto, 1989, pp. 46.

³ FERNANDES, José Alberto V. Rio – *A Foz: entre o rio, o mar e a cidade*: Progresso da Foz, 1989, pp. 29.

⁴ FREITAS, Joana Isabel Ricardo Gaspar de – *O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve (c. 1851 a c. 1990)*. Tese de Doutoramento em História, orientada pelos Professores Doutor Sérgio Campos Matos e Professor Doutor João Alveirinho Dias e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2010, pp. 20-21.

⁵ MARTINS, Luís Paula Saldanha – Banhistas de mar..., pp. 49. “ O discurso médico da época fazia a apologia dos banhos de mar, salientando os efeitos da água fria sobre o organismo humano: o choque causado pela diferença térmica provocava uma reacção brusca no corpo, suscitando a contracção dos tecidos e a aceleração da respiração, o que estimulava a circulação e o sistema nervoso, aumentando a vitalidade de todos os órgãos. Desta forma, após o mergulho, o paciente era invadido por uma viva sensação de calor e de bem-estar que o fazia sentir mais forte e vigoroso. Este tratamento era considerado de grande efeito salutar na cura de várias doenças, como o linfatismo, a anemia, a depressão e o raquitismo infantil, sendo também aplicado com sucesso a «indivíduos naturalmente fracos ou convalescentes». FREITAS, Joana Isabel Ricardo Gaspar de – *O litoral português...*, p. 64.

Associa-se assim, desde muito cedo, a importância da ligação desta cidade ao mar que o banhava, sendo que nos finais o século XVI e inícios do século XVII, este interesse prende-se sobretudo com as características de navegação. A importância dada à orla costeira pelo Estado devia-se a ser uma “ [...] área privilegiada do ponto de vista estratégico, político e económico: espaço de fronteira e local onde decorriam actividades de grande importância para a economia nacional, o litoral mereceu a atenção dos poderes públicos e foi alvo de investimentos significativos no que diz respeito à sua defesa (militar) e à construção de infra-estruturas de apoio à pesca, ao comércio marítimo e à navegação”⁶.

Alguns desses exemplos são os faróis, situados na área da Foz, como o Farol da Nossa Senhora da Luz, de São Miguel ou o farolim que se situa no molhe, mesmo à entrada da barra do Douro, que constituem um elemento essencial para a organização e segurança da navegação. Ainda, o Forte de São João Baptista, construído em 1571 e concluído em 1647, e será o exemplo de construção fortificada, que funcionam como “ [...] objectos privilegiados de afirmação do poder público, indicando ao viajante (chegado por mar) que entrava numa nova terra, com leis e características próprias a que era obrigado a sujeitar-se”⁷.

A forte actividade marítima, no Porto, que acontece a partir do século XVI, com o incremento das navegações comerciais, que decorre de uma tradição associada à Expansão Marítima e aos Descobrimentos, irá criar laços ainda mais fortes entre a cidade e o mar. Contudo, esta ligação precede em muito o século XVI, quando os povos nómadas procuravam os rios e os mares como forma de subsistência, sendo que durante a romanização da Península Ibérica, serão criadas novas formas de pesca e extracção, tal como novas técnicas de construção de barcos e navegação, trazidas pela experiência dos romanos.

Os postais e a representação da paisagem

Cidades, serras e mares são, desde séculos longínquos, representações de paisagens apreciadas, sobretudo a partir do século XVI, com a divulgação das elites, devido ao interesse manifestado pelas viagens e pelas ciências naturais, divulgadas pelos gabinetes de curiosidades ⁸ criados por coleccionadores cultos, contudo uma outra invenção precede e impulsiona a divulgação destas representações: no “século XV, a invenção da imprensa veio reposicionar o Homem perante o Conhecimento e sobretudo, perante o acesso a este. É lugar comum encontrar muitas ligações entre a

⁶ FREITAS, Joana Isabel Ricardo Gaspar de – *O litoral português...*, p. 42.

⁷ *Ibidem*, p. 82.

⁸ “Fruto dos interesses específicos dos seus criadores, os gabinetes de curiosidades acumulavam simultaneamente diferentes tipologias de objectos naturais e científicos, espécies vegetais e animais, artefactos históricos, conchas, minerais, moedas, esculturas, pinturas, astrolábios, Compassos, globos, telescópios e mappamundi, cujo espaço do saber não fazia distinção entre artes e ciências, entre objecto e o mundo, entre colecção e livro. O gosto pela raridade, pelo que é exótico e excepcional, pode ser classificado como objecto único no ambiente privado do gabinete de curiosidades”. In ALMEIDA, António Manuel Passos – *Museu Municipal do Porto. Da origem à extinção (1836-1940)*. Dissertação de Mestrado em Museologia orientada pela Professora Doutora Alice Semedo e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2008, pp. 36-37.

tecnologia da imprensa, a disseminação do pensamento iluminista e a revolução científica na Europa Moderna⁹ que permitirá a criação de documentos com múltiplas cópias e em série.

Estas paisagens são, desde há muito, intrinsecamente ligadas às acções humanas, culturais e naturais e moldam-se segundo esses preceitos, podendo-se criar lugares com grande importância segundo a sua função e o seu significado, sendo que a sua apresentação” [...] através de uma imagem e o inventário das suas características não se esgotam nas representações panorâmicas que registam os aspectos físicos. É necessário transmitir o pulsar da sua sociedade e para isso é preciso descrever os homens, os seus costumes, as suas crenças, é necessário também estabelecer as diferenças entre classes sociais [...]”¹⁰.

E tal como Miguel Sopas de Melo Bandeira afirma: “ [...] a paisagem é a musa inspiradora da relação ténica e perene entre o ser humano, produtor de comunicação e criador de cultura, e o ambiente, isto é, a natureza, tantas vezes perdida quantas vezes agora revoltada pela angústia do “risco”. Porém, é também inegável: a paisagem surge-nos persistentemente transvestida por uma multiplicidade de representações que marcam as épocas e os lugares”¹¹.

Os postais ilustrados, nas suas mais variadas técnicas artísticas, são um importante testemunho iconográfico sobre os mais variados assuntos: paisagens, pessoas, arquitecturas e constituem desta forma, uma fonte passível de ser estudada e analisada., devido à sua importância para a história da comunicação e como uma das “ [...] primeiras formas de imagem fixada em papel e industrialmente produzida [...]”¹².

Ao longo dos tempos, foram objectos usados com as mais diversas funções, embora, contudo, na sua essência, seja um objecto privilegiado de comunicação interpessoal, que incorpora muitas outras funções de cariz promocional, turístico ou publicitário, como aliás “os postais electrónicos mantêm ainda, no entanto, os caracteres típicos deste meio de comunicação: uma escrita breve ancorada em imagens ilustrativas, etnográficas, geográficas ou publicitárias”¹³.

Como já havíamos referido, o desenvolvimento da imprensa na Europa, sobretudo a partir de meados do século XV, proporcionou a produção e divulgação de imagens, contudo o período de maior desenvolvimento da imprensa terá sido o final do século XIX e inícios do século XX, que permitirá uma

⁹ MARQUES, Isabel da Costa – *O Museu como sistema de informação*. Dissertação de Mestrado em Museologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2010, p.12.

¹⁰ FIGUEIREDO, Fernando Jorge da Silva – *Porto à vista: as mais antigas vistas da cidade do Porto*. Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento orientada pelo Professor Doutor Luis Miguel Duarte e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2003.

¹¹ BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo - *Leituras da paisagem através de postais ilustrados: para uma sociosemiótica da imagem e do imaginário*. Braga: Edições Copy, 2011. <http://hdl.handle.net/1822/13557>, p.35.

¹² MARTINS, Moisés; PIRES, Helena; OLIVEIRA, Madalena - Dos postais ilustrados aos posts nos weblogues: para uma sócio-semiótica da imagem e do imaginário. In MARTINS, Moisés de Lemos; PINTO, Manuel, org. – *Comunicação e cidadania: actas do Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 5, Braga, Portugal, 2007*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, 2008. ISBN 978-989-95500-1-8. pp. 2959-2969. <http://hdl.handle.net/1822/9611>, p. 2960.

¹³ *Ibidem*, p. 2959.

maior divulgação dos postais ilustrados. Estes tornam-se assim mais do que representações fúteis e incorporam a importância de fixação de signos, nomeadamente quando se tornam herdeiros da corrente mais naturalista da pintura europeia, em que privilegia a paisagem como motivo impressivo e como “meio estimulador de emoções e experiências sensoriais”¹⁴.

Análise aos postais

Os postais que vamos apresentar e analisar, ajudam-nos a perceber todos estes ambientes e vivências. Decidimos deixar a apresentação dos 83 postais ilustrados para a comunicação, apresentando aqui apenas os representativos de todos os assuntos por nós identificados, para que a análise não se torne demasiado fastidiosa e a compreensão difícil.

1. Representação do mar a partir da praia

Nestes postais, encontramos várias ocupações e as várias existências, em várias épocas. A viagem pode ser feita através das várias praias existentes, como no caso da Praia de banhos, na qual podemos observar não a actividade puramente da prática balnear, mas sim vastos estendais de roupa (fig.1), que ocupam todo o areal, demonstrando uma parte da vida doméstica, passa para a esfera pública e que associa a um estrato social mais humilde, da qual é também representativo a população que se mostra nestes postais. Crianças com roupa mais simples e de tez escurecida pelo sol (fig. 2), não se sabe se da prática balnear ou se da actividade do campo, no qual ajudam os pais no cultivo da terra.

As profissões associadas ao mar aparecem nestes postais. A actividade piscatória, com o lançamento de redes de pesca ou a retirada dos barcos acabados de chegar da faina (figs. 3, 4, 5), ou ainda a representação dos banheiros (fig.6), profissão muito importante no século XIX, como já referimos, onde conseguimos distinguir os trajas afectos à profissão, tornam os postais ilustrados, uma fonte essencial para o uso e os costumes ao longo dos séculos, a par da fotografia.

Outro tema recorrente, que identificamos, e que nos permite perceber o ambiente nas praias da Foz, tal como a envolvente arquitectónica, é a representação das barracas da praia e coberturas parciais (figs. 7, 8 e 9), equipamento postos à disposição da população, sobretudo a de um estrato social mais elevado. Contudo, o equipamento que é de longe o mais representado é o farolim da barra do Douro (fig. 10 a 12).

Outro dos temas é a indicação de momentos marcantes como as cheias de rio e de mar (figs. 13 e 14) . O mar bravio, afecta a população e os momentos mais aflitivos tornam-se recordações dolorosas, impressos em postais, cujos destroços são expostos para nunca deixar esmorecer a memória da devastação provocada.

¹⁴ BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo - *Leituras da paisagem...*, p.41.

Alguns destes temas repetem-se, consecutivamente independente do local representado. Encontramos pescadores, gente humilde, no seu trabalho para a subsistência, para o qual homens e mulheres contribuem decisivamente, ou de estrato superiores. Matosinhos e Leça da Palmeira (figs.16 a 18) são exemplo disso.



Fig. 1 – Praia de banhos, Porto



Fig. 2 – Praia de banhos, Porto

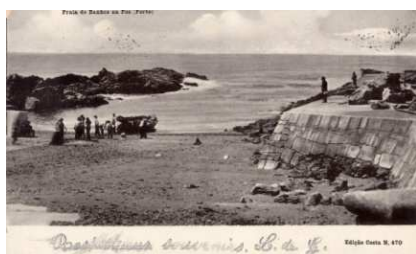


Fig. 3 – Praia de banhos, Porto



Fig. 4 – Praia de banhos, Porto



Fig. 5 - Pescadores compondo as redes na Foz do Douro



Fig. 6 – Praia do molhe, Porto



Fig. 7 – Praia do molhe, Porto



Fig. 8 – Praia da Foz do Douro, Porto



Fig. 9 – Praia do molhe, Porto



Fig. 10 – Farolim da barra, Porto



Fig. 11 – Farolim da barra, Porto



Fig. 12 – Farolim da barra, Porto



Fig. 13 – Destroços do rio. Praia de Carreiros, Porto



Fig. 14 – Destroços de barcos. Porto

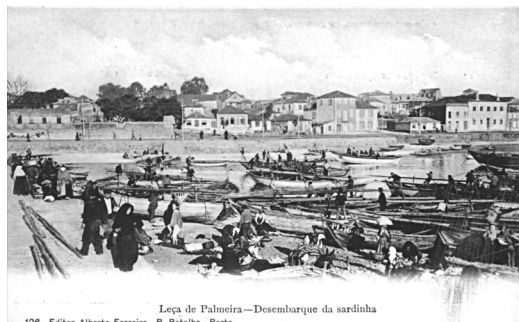


Fig. 15 – Desembarque da sardinha. Leça da Palmeira

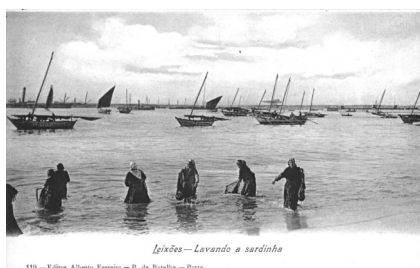


Fig. 16 – Lavando a sardinha. Leixões



Fig. 17 – Praia da República, Matosinhos

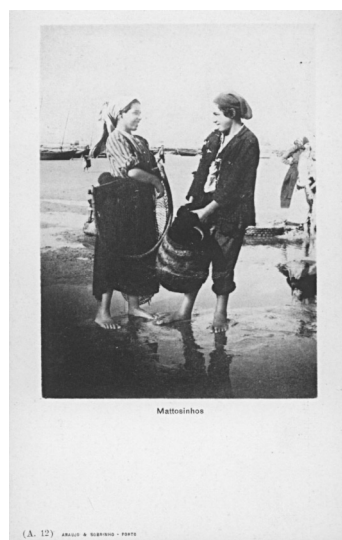


Fig. 18 – Pescadores. Matosinhos

2. Representação do mar a partir da terra

A Avenida Brasil, a pérgola existente na foz, o Castelo do Queijo (fig. 19), mais uma fortificação existente na orla costeira da área geográfica do Porto, as vias de comunicação para automóveis ou eléctrico, são por mérito próprio, locais que valem a pena recordar e memórias que merecem perdurar. As marcas do tempo e do homem incutidas na paisagem, levam por vezes a um saudosismo, muitas vezes apenas

colmatado com a visualização de imagens anteriores, que permitem o reviver de um tempo e espaço passado.

Apesar desta importância implícita, nos postais que apresentamos, as várias perspectivas não se coíbem sempre de mostrar o mar. Tornando este elemento como pano de fundo de um cenário. Aqui na sua essência o que importa é a paisagem, as profissões e estratos sociais, constantes na representação através da praia, ficam desta vez passados para segundo plano ou excluídos.



Fig. 19 – Castelo do Queijo, Porto



Fig. 20 – Avenida Brasil, Porto



Fig. 21 – Avenida de Carreiros, Porto



Fig. 22 – Foz do Douro, Porto

Conclusão

A associação de postais à representação de paisagem, permite-nos recolher elementos importantes na análise dos mais variados assuntos. Em tempos áureos, os postais eram uma das formas de comunicação mais importantes e mais usadas, sinal de uma sociedade em desenvolvimento, mas ainda carente no que concerne à transmissão de notícias e informações. Se as cartas eram igualmente uma maneira privilegiada de comunicar, os postais permitiam a visualização explícita de gentes e de lugares.

Os postais ilustrados patentes no Arquivo Histórico do Porto são um exemplo disso mesmo. Conseguimos respirar os ambientes das épocas, destacando os lugares mais importantes e mais representativos do Porto e arredores. Neste contexto, foi-nos permitido perceber a valor intrínseco que o mar tem para a cidade e para quem a povoa. Várias são as perspectivas que encontramos do mar,

contudo estas não subestimam aquilo que representam, pelo contrário. Ao ser representado de todas estas formas, o mar prova que não se submete à monotonia das suas ondas.

Bibliografia

ALMEIDA, António Manuel Passos – *Museu Municipal do Porto. Da origem à extinção (1836-1940)*. Dissertação de Mestrado em Museologia orientada pela Professora Doutora Alice Semedo e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2008.

BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo - *Leituras da paisagem através de postais ilustrados: para uma sociosemiótica da imagem e do imaginário*. Braga: Edições Copy, 2011. <http://hdl.handle.net/1822/13557>.

CARVALHO, Maria Filomena Barros de – *Arquitectura e vilegiatura na Foz do Douro (1850-1910)*. Dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras de Universidade do Porto em 1997.

FERNANDES, José Alberto V. Rio – *A Foz: contributo para o estudo do espaço urbano do Porto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1985.

FERNANDES, José Alberto V. Rio - *A Foz: entre o rio, o mar e a cidade*: Progresso da Foz, 1989.

FIGUEIREDO, Fernando Jorge da Silva – *Porto à vista: as mais antigas vistas da cidade do Porto*. Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento orientada pelo Professor Doutor Luis Miguel Duarte e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2003.

FREITAS, Joana Isabel Ricardo Gaspar de – *O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve (c. 1851 a c. 1990)*. Tese de Doutoramento em História, orientada pelos Professor Doutor Sérgio Campos Matos e Professor Doutor João Alveirinho Dias e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2010.

MARQUES, Isabel da Costa – *O Museu como sistema de informação*. Dissertação de Mestrado em Museologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2010.

MARTINS, Luís Paula Saldanha – *Banhistas de mar no século XIX: um olhar sobre uma época*. In *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*. I série, volume V, Porto, 1989, pp. 45-49.

MARTINS, Moisés; PIRES, Helena; OLIVEIRA, Madalena - *Dos postais ilustrados aos posts nos weblogs: para uma sócio-semiótica da imagem e do imaginário*. In MARTINS, Moisés de Lemos; PINTO, Manuel, org. – *Comunicação e cidadania: actas do Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 5, Braga, Portugal, 2007*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, 2008. ISBN 978-989-95500-1-8. pp. 2959-2969. <http://hdl.handle.net/1822/9611>.

PASSOS, José Manuel da Silva - *O bilhete postal ilustrado e a história urbana do Porto*. Lisboa : Caminho, 1994. ISBN 972-21-0952-9.

WILLOUGHBY, Martin – *História do bilhete postal: registo ilustrado desde o virar do século até à actualidade*. Lisboa: Caminho, 1993.